



ARTIGOS

## Identidades Sexuais e de Gênero no Contexto Periférico Mineiro

Discursos em uma experimentação audiovisual<sup>1</sup>

Aleone Rodrigues HIGIDIO, *Universidade Federal de Ouro Preto*

Karina Gomes BARBOSA, *Universidade Federal de Ouro Preto*

---

A proposta deste trabalho é discutir identidades sexuais e de gênero no contexto periférico da cidade histórica de Mariana, interior do estado de Minas Gerais - Brasil. A investigação parte da observação do cotidiano de adolescentes gays e lésbicas, todos com dezesseis anos de idade, que moram no bairro Santo Antônio, também conhecido como 'Prainha'. Esse cotidiano foi registrado entre julho e dezembro de 2016, em Diários de Bordo e, ainda, em linguagem audiovisual, no formato documentário, como parte de trabalho de conclusão de curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nesse sentido, é interesse desse texto pensar como as identidades sociais, especificamente as sexuais e de gênero, são reguladas pelo espaço periférico e como a invisibilidade das discussões de diferença e diversidade se tornam determinantes para a construção das mesmas. Concluímos que essas identidades são constituídas pela perspectiva do olhar dos sujeitos sociais que os cercam, tendo como forte influência a hostilidade às sexualidades e gêneros divergentes no contexto escolar. As discussões partem, principalmente, de uma perspectiva *queer*, tendo como referências Judith Butler (2003), Richard Miskolci (2012), Guacira Lopes Louro (2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade. Gênero. LGBT. Periferia. Audiovisual.

---

<sup>1</sup> Uma versão resumida deste trabalho foi apresentada no 3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero, realizado entre os dias 10 a 13 outubro de 2017, em Campina Grande (PB).



## **Introdução**

Desde 1980, tanto na antropologia social quanto em outras disciplinas das ciências sociais, houve um aumento na pesquisa e interesse acadêmico em relação à sexualidade. Uma das razões pelas quais essa temática passaria a ser mais discutida tem a ver com um contexto amplo de mudanças nas normas sociais, além da influência de movimentos políticos feministas, gays e lésbicos. Pode-se creditar também esse maior interesse em discutir a sexualidade humana ao enorme impacto da pandemia do HIV/AIDS, além da preocupação crescente com as dimensões culturais da saúde reprodutiva e sexual (PARKER, 2010, p.127).

No que tange às questões de identidade sexual e aos estudos acerca da sexualidade, podemos pensar a construção das identidades dos sujeitos como atravessada por diversos processos culturais e plurais<sup>2</sup> em que os corpos ganham sentidos socialmente. Ao tratarmos especificamente da sexualidade, que também faz parte desse conjunto de identidades, podemos dizer que ela é constituída a partir de múltiplos discursos que normatizam, regulam, interditam, instauram saberes, que produzem ‘verdades’. Essa e outras identidades, ditas identidades sociais (sejam elas sexuais, de gênero, raça, nacionalidade, de classe e etc.) são definidas no âmbito da cultura e da história (LOURO, 2010, p.12).

Ao refletirmos sobre esses discursos normalizadores, é pertinente retomar a aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, pelo filósofo Michel Foucault. Na ocasião, o estudioso apresenta a hipótese de que em toda a sociedade a produção do discurso é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p.9). Para o autor, dentro dessa lógica do poder dos discursos há procedimentos de exclusão, sendo o mais evidente aquele que ele chama de ‘interdição’: sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância e que sempre haverá um objeto tabu. Em nossos os dias, tais objetos seriam sexualidade e política.

---

<sup>2</sup> Na composição das identidades, a sexualidade envolve processos, como rituais, linguagens, fantasias, representações, dentre outros. Inclusive, as inscrições de gênero - feminino ou masculino - são feitas no contexto de uma determinada cultura (LOURO, 2010, p.11).



tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2009, p.10)

Retomando o campo das pesquisas antropológicas sobre a sexualidade e o comportamento sexual, no final dos anos 1980 e 1990, Richard Parker (2010) discute autores que examinam a existência de dois modelos teóricos. O primeiro teria surgido a partir de estudos e dos movimentos periféricos aos estudos antropológicos tradicionais, em que o modelo da ‘influência cultural’ teria orientado a maioria dos trabalhos sobre a sexualidade. Já o segundo teria viria do centro da tradição antropológica.

Parker (2010) discute o fato de que ambas as abordagens antropológicas tradicionais que tentam compreender a sexualidade se mantiveram pouco questionadas no período entre 1920 e 1990. Para ele, nesse modelo mais tradicional, a sexualidade é conceptualizada como um estado universal, imutável, mediado em maior ou menor extensão pelo contexto cultural.

No quadro de referência desse modelo, a sexualidade pode se referir a vários temas, incluindo preliminares sexuais, masculinidade e feminilidade, orgasmo, relações sexuais e fantasia erótica. É importante observar que, dadas as crenças populares ocidentais sobre a relação unidimensional entre sexo e gênero, esse modelo frequentemente funde a sexualidade com o gênero, ao mesmo tempo que obscurece a questão das relações de gênero dentro do tópico mais amplo da sexualidade (PARKER, 2010, p.128).

Em contraste a esse modelo tradicional de ‘influência cultural’, Parker (2010) apresenta a teoria da construção social, que sustenta o argumento de que a sexualidade é construída de forma diferente através das culturas e do tempo. Nessa perspectiva, é importante dizermos que o que se discute é a necessidade de se ter uma visão menos essencialista a respeito das questões que envolvem a sexualidade.

Os proponentes dessa teoria diferem em suas crenças em relação a que aspectos da sexualidade — os atos sexuais, as identidades sexuais, as



comunidades sexuais, o desejo e a direção do interesse erótico — podem ser construídos, embora a maioria dos modelos seja construída ao redor da noção central de que os atos sexuais têm significado social e sentidos subjetivos variados, dependendo do contexto cultural nos quais eles ocorrem, como é demonstrado pela variação existente nas categorias e nos rótulos sexuais. Todas as definições são baseadas na suposição subjacente de que a sexualidade é mediada por fatores culturais e históricos. Em particular, a teoria da construção social permite fazer distinções entre atos sexuais, identidades sexuais e comunidades sexuais (PARKER, 2010, p.129).

A partir dessa consideração inicial sobre identidade, da ideia da sexualidade como uma construção social e de entendermos que a sexualidade não pode ser vista como algo naturalmente inerente ao ser humano, o intuito deste trabalho é trazer algumas reflexões sobre como se dá a construção das identidades sexuais e de gênero em um contexto periférico, mais especificamente, o de uma cidade histórica mineira. Nesse sentido, pensamos, a partir de Sedgwick (2016), em como os armários são constantemente ‘abertos’ ou expostos e como essas exposições e identificações dialogam com os auto-reconhecimentos, eventualmente contrapondo-se a eles, eventualmente forçando saídas do armário. E novas entradas, pois, como lembra a autora, há sempre novos armários.

Para esta empreitada, utilizamos relatos e vivências junto a sujeitos da periferia marianense. Trazemos como suporte metodológico os apontamentos do diário de bordo produzido na realização do documentário “LGBT<sup>3</sup> de periferia: Resistência, luta e empoderamento”<sup>4</sup>. O filme foi realizado com quatro adolescentes<sup>5</sup> - dois meninos gays e duas meninas lésbicas, sendo todos cisgêneros<sup>6</sup> –, moradores do bairro

---

3 Como LGBT entende-se lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

4 O filme é um produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em fevereiro de 2017.

5 Para preservar a identidade dos adolescentes, respeitando-se os preceitos éticos da pesquisa científica, não há menção aos nomes de nenhum deles. Havendo a necessidade de particularizar alguma situação específica usaremos os conceitos teóricos aqui trabalhados para melhor exemplificá-la.

6 De acordo com Jesus (2012), cisgênero é um conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando nasceram.



Santo Antônio, também conhecido como “Prainha”<sup>7</sup>, uma região considerada pelo município de Mariana (MG) como zona de reabilitação urbana<sup>8</sup> e interesse social.

Para a produção do documentário<sup>9</sup> e do memorial descritivo<sup>10</sup>, a cada visita aos adolescentes e familiares, foi necessário elaborar um roteiro básico com entrevistas semi-estruturadas que poderiam ser utilizadas durante a imersão no cotidiano deles. Todos os jovens tinham, na ocasião das filmagens, que ocorreram entre julho e dezembro de 2016, dezesseis anos de idade. Os familiares não foram atores sociais do filme, porém, foi a partir das vivências com todos eles que saíram muitas das questões discutidas neste trabalho. Uma delas é a relação com o ambiente escolar, ou seja, um dos espaços de sociabilidade que eles mais convivem e que tem um papel fundamental na construção de suas identidades.

## **A negação ou conformação de uma identidade sob a perspectiva do olhar do outro**

Na primeira incursão realizada na Prainha, quando encontrou-se alguns transeuntes que passavam pelas ruas, questionou-se se havia algum LGBT no bairro. Num primeiro momento, eles disseram que “não”. Em seguida, um deles disse: “Aqui tem muito viado!”. E, após alguns minutos de conversa, comentaram que havia, na Prainha, um jovem que gostava de ser chamado de ‘Vanessa’. Inclusive, uma das atrizes sociais do documentário, em uma de suas falas sobre como é ser LGBT naquele contexto periférico, afirmou: “A galera aqui não esconde. [...]. Tem muita gente, muita gente mesmo. Igual a Vanessa. Ela é da minha idade, 16 anos, no máximo. Ela tem 17 ou 18, não sei. Mas, desde

---

7 Para uma melhor fruição do texto, usa-se o termo “Prainha” para fazer referência ao bairro onde foi produzido o documentário.

8 Área territorialmente delimitada que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsolescência dos edifícios, das infraestruturas, equipamentos de utilização coletiva e dos espaços urbanos, justifique uma intervenção. Fonte: [http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/reabilitacao/aru\\_vermais.html](http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/reabilitacao/aru_vermais.html). Acesso em 21 de outubro de 2017.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZpKpmJNXcDQ>. Acesso em 27 de fevereiro de 2018.

10 Disponível em: <http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/550>. Acesso em 02 de maio de 2018.



uns 15 ou 14 já se assumiu, mas não é fácil”. O rapaz, que possui uma expressão de gênero<sup>11</sup> com traços femininos<sup>12</sup>, veio a ser um dos atores sociais do documentário. Porém, ao longo de todo o processo de construção do filme, ele sempre se apresentou como alguém de orientação sexual<sup>13</sup> homossexual e identidade de gênero<sup>14</sup> masculina, mas era constantemente tirado de um armário – o de Vanessa, já que assim o chamavam mesmo sem haver uma identificação – que sequer lhe pertencia –, seja por outros moradores seja por outros sujeitos LGBTs.

Com isso, é necessário, antes de tudo, refletir como as múltiplas identidades que constituem esse jovem foram construídas. Baseando-nos, especialmente, em Guacira Lopes Louro, podemos afirmar que as identidades sociais do jovem em questão se construíram na medida em que ele foi interpelado em diferentes situações vivenciadas nas suas relações com as instituições (escola, igreja, família e etc.) e agrupamentos sociais.

Segundo Louro (2012), para reconhecer-se numa identidade supõe-se, além de responder afirmativamente a algum tipo de interpelação, estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Além disso, não haveria nada de simples ou estável nisso tudo:

pois essas as múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias (...). Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável,

---

11 Expressão de gênero é a forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Ela depende da cultura em que a pessoa vive (JESUS, 2012, p.13).

12 O que define o comportamento masculino ou feminino das pessoas é a cultura e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero (JESUS, 2012, p.06).

13 Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero (JESUS, 2012, p.15).

14 Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem (JESUS, 2012, p.14).



histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricos culturais (LOURO, 2012, p.12).

Entende-se, com isso, que muito do que esses moradores da Prainha – e até mesmo o jovem em questão – percebem como sendo uma aparência ou comportamento femininos, ou seja, ideais de feminilidade<sup>15</sup>, sobretudo aqueles corporalizados, seja pelos trejeitos, modos de vestir e falar, neste momento, não interfere na condição atual do adolescente de se autoafirmar como sujeito com identidade de gênero masculina.

O que nós entendemos como inscrição de gênero feminino e masculino é produzido a partir de um discurso que vem dos que detêm o poder de regular as normas que regem a sociedade. Os que seguem essas normas são lidos como ‘gêneros inteligíveis’, ou seja, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência. Além disso, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que, no fim, estabelecem linhas causais ou expressivas de ligação entre o gênero culturalmente construído, o sexo biológico, e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio de uma prática sexual (BUTLER, 2003, p.38).

Entretanto, como sujeitos de identidades transitórias, não significa que o jovem em questão se identifique por toda vida com essa mesma identidade de gênero e permaneça na condição de gênero não inteligível. Isso porque, apesar de ele desconhecer a existência de ‘Vanessa’ naquele contexto periférico em que está inserido e que só existe no imaginário de alguns moradores, as suas as identidades sexuais e de gênero, como a de todas as outras identidades sociais, permanecem com o caráter fragmentado e instável.

A partir dos conceitos de Eve Kosofsky Sedgwick (2016), podemos refletir que, ainda que o jovem tenha saído do armário, as pessoas do bairro, os sujeitos que o observam e julgam, propõem um outro assumir-se a ele, que nunca existiu porque não é algo que ele tem de assumir - porquanto é algo que nunca escondeu; não se identifica com aquilo. Durante uma outra incursão no bairro, num churrasco

---

15 Segundo Maria Rita Kehl, “conjunto de atributos, funções, predicados e restrições” próprios a todas as mulheres, “em função de seus corpos e de sua capacidade procriadora”. Entre as virtudes da feminilidade, Kehl enumera “o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e às necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos” (KEHL, 2016, p. 40).



organizado pela família de um dos jovens que foi ator social do filme, um familiar, em referência ao rapaz de expressão de gênero feminina, diz: “Esse aí nunca parou dentro do armário”.

Ainda assim, o armário está ali, imposto a ele a partir de imaginários e estereótipos. Um armário que apenas ele não sabe que o contém. Para esse sujeito, o armário criado a partir da inexistência/existência de ‘Vanessa’ é uma presença formadora (SEDGWICK, 2016) de sua experiência comunitária; ultrapassa a ideia de informações que um homossexual precisa manejar a respeito de sua vida, como relata a autora - ele não sabe que precisa manejá-las, pois não conhece a informação.

Na esfera pública por onde ele circula, há um imaginário de que esse sujeito mantenha ‘Vanessa’ no armário, na esfera privada; contudo, esse armário não se materializa (para ele), colocando em xeque as fronteiras entre público e privado do armário gay: como escolher manter no privado ou abrir para o público algo que, em sua essência, não é seu, mas pertence ao público? Não há nada dentro desse armário; e, no entanto, ele está lá.

Além disso, podemos pensar nas múltiplas camadas de véus e armários a que uma pessoa *queer* está sujeita - e quanto mais ‘desviante’ da norma, mais portas tem o armário, como um palimpsesto<sup>16</sup>, porque todo mundo tem algo a pensar a respeito dele, e ele ‘fode’, no sentido de *genderfuck*<sup>17</sup>, com as noções tradicionais de gênero, sexualidade e feminilidade e masculinidade.

Duradouramente, desde pelo menos a virada do século XIX ao século XX, prevaleceram dois tropos de gênero contraditórios por meio dos quais o desejo pelo mesmo sexo poderia ser entendido. De um lado, havia, e persiste, codificado de maneira diferente (no folclore e na ciência homofóbica que cercam esses “meninos mulherzinhas” e suas irmãs masculinizadas, mas também no coração e nas entranhas de boa parte da cultura gay e lésbica viva), o tropo da inversão *anima muliebris in corpore virili* inclusa – “a alma de mulher aprisionada num corpo de homem” – e vice-versa. [...] O tropo da inversão

---

16 Pergaminho ou papiro precariamente raspado para apagar os outros textos que ele continha.

17 “Genderfuck” refere-se a performances que propositalmente embaralham e jogam com identidades, papéis e personificações tradicionais de gênero, ressaltando suas ambivalências e instabilidades. São frequentemente associadas a artistas como David Bowie, Peaches, Marilyn Manson, Annie Lennox (SEDGWICK, 2016, p.49).



permaneceu uma fixação do discurso moderno sobre o desejo pelo mesmo sexo. De fato, sob as bandeiras da androginia ou, mais graficamente, do “genderfuck”, a instabilidade vertiginosa desse modelo tornou-se um símbolo de valor (SEDGWICK, 2016, p.48).

E é justamente por romper com todas as expectativas de gênero e fugir do imaginário construído acerca do que é ser feminino ou masculino que, neste contexto periférico marcado pelas interdições de todos os sujeitos sociais que os interpelam, ‘Vanessa’ e os outros adolescentes relatam uma de suas maiores barreiras no processo de construção e desconstrução de suas identidades: o ambiente escolar. Essa questão ficou muito marcada não só nas falas dos atores sociais do documentário e da pesquisa, mas também na observação de uma das mães que dizia acreditar que o seu filho só vinha apresentando desempenho minimamente regular no colégio porque ele não se comportava como o outro adolescente chamado – sem o seu consentimento – de ‘Vanessa’.

## **A escola como um ambiente hostil às identidades sexuais e de gênero *queers*<sup>18</sup>**

O que hoje é chamado de queer, tanto em termos políticos quanto teóricos, surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, que possivelmente estava associado à contracultura e também às demandas dos que, ainda na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais (MISKOLCI, 2012, p.21). Além disso, o ‘*queer*’ não é uma defesa da homossexualidade e sim “a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2012, p.15).

É importante ressaltar, a partir das considerações feitas até agora, que, aqueles sujeitos que não seguem práticas reguladoras dos gêneros e sexos e que conformam identidades sociais divergentes da

---

18 A expressão *queer*, em português, dá a impressão de que é algo respeitável, mas, em inglês, é um xingamento e está associado à abjeção. Esse termo é uma reapropriação de um termo que já foi usado de forma preconceituosa e que, hoje, tem fins de empoderamento (MISKOLCI, 2012, p.24).



norma social são tidos como abjetos<sup>19</sup>. Portanto, podemos afirmar que, pelo fato de terem orientação sexual e/ou expressão de gênero discordantes da maioria das pessoas, a condição dos quatro jovens retratados no documentário faz com que sejam considerados seres abjetos pelo espaço social e geográfico onde estão inseridos.

Nos relatos desses adolescentes, a relação com a escola sempre apareceu de forma muito problemática. Todos, sem exceção, afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência verbal e/ou física em sala de aula. Inclusive, o jovem que possui uma expressão de gênero feminina abandonou os estudos ainda no 6º ano do ensino fundamental após sofrer uma série de violências, que podemos especular terem sido agravadas devido justamente a essa performance genderfuck. Devido a essa hostilidade ele não conseguia atingir um bom desempenho escolar.

Apesar de ter ciência da opressão, a mãe de um dos jovens (do rapaz que tem expressão de gênero masculina) acredita que o fato do seu filho se comportar como ‘homem’ inibiu parte da violência que poderia sofrer na escola e no bairro. Para essa mãe, a violência sofrida pelo rapaz de expressão de gênero feminina, que abandonou os estudos e é amigo do filho, está diretamente ligada ao fato de ele reagir às provocações dos colegas de sala de aula. Segundo ela, isso ocorre, principalmente, por ele não se comportar como ‘homem’. Em contrapartida, ela acredita que, por assumir uma expressão de gênero masculina, o desempenho escolar do seu filho, que está no 9º ano do ensino fundamental e tem um rendimento escolar suficientemente desejável, é satisfatório.

No filme, o rapaz de expressão de gênero masculina afirma: “Eu não acho problema em quem é afeminado. Eu acho até melhor, né? Eu também queria ser assim muito afeminado, então, mas eu não consigo. Eu acho estranho porque o povo não é acostumado comigo sendo afeminado assim. O povo acha até que eu sou hétero.” Contraditoriamente, a leitura feita por muitos à sua volta é de que ele é um sujeito com trejeitos considerados ‘femininos’, apesar de assumir, quase sempre, uma expressão de gênero masculina.

Em outro momento, o mesmo jovem acredita que, pelo fato de ser gay, não pode ser considerado ‘homem’, e revela: “Meu pai, ele acha que sou homem, mas eu não sou porque, tipo assim, sempre quando

---

19 Em Prins & Majer (2002), a filósofa Judith Butler relaciona esse termo a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e também cuja materialidade é entendida como "não importante".



minha mãe fala de um assunto LGBT, ele sai de perto. Acho que ele não gosta porque o único filho que ele tinha homem morreu. Aí ele queria que eu fosse homem, mas isso não aconteceu”.

A fala do jovem é reveladora de construções rígidas dos papéis de gênero. Isso se deve não apenas a relação que se constitui em família, mas também a um processo educacional autoritário e violento, que deixa marcas na memória tanto dos sujeitos que resistem, dos que são expelidos, quanto dos que saem como esperados. Essa realidade revela conflitos dolorosos com os objetivos educacionais. Essa ideia, introduzida por Richard Miskolci (2012), nos faz pensar sobre algumas das experiências do sociólogo, vivenciadas durante sua formação escolar numa escola pública em um ambiente organizado para inculcar valores de um regime de exceção, instaurado pelo Golpe de 1964. De acordo com o autor, esses sujeitos são:

sobreviventes das tecnologias sociais que buscam enquadrar cada um em uma identidade, adequar cada corpo a um único gênero, sabem como a educação auxilia a fazer da infância e da adolescência fases dirigidas para a construção de homens e mulheres ideais; leia-se: pessoas “normais”, “corretas”, como nossa sociedade nos faz crer que devemos ser. Sabem também que entre o ideal e a realidade jaz uma história invisível de violências às quais alguns sucumbem (MISKOLCI, 2012, p.11-12).

Além disso, podemos entender a sexualidade como um aparato que permitiu que o Estado e as instituições nos controlassem por meio da ‘pedagogização do sexo’. Isso significa que um dos maiores investimentos biopolíticos do Estado sempre foi na educação. Sendo assim, a proposta *queer* é de superar essa pedagogização do sexo e de transformar a posição da educação em muito mais comprometida com as demandas da sociedade civil (organizada ou não) e não mais com a subserviência aos interesses estatais e biopolíticos. Nesse sentido, uma perspectiva *queer* exige repensar a educação a partir das experiências historicamente subalternas – e até ignoradas – mas que poderiam ajudar, de algum modo, a repensar a sociedade, além de buscar superar as desigualdades e injustiças (MISKOLCI, 2012, p.11-12).

## Considerações finais

A partir do processo de imersão no cotidiano de pessoas LGBT’s de periferia podemos concluir que esses sujeitos - que resistem, lutam, e



se empoderam a cada dia - estão construindo e reconstruindo suas identidades sociais, inclusive as sexuais e de gênero, sempre em conflito com o outro, o sujeito social de onde estão inseridos. Porém, esse outro, muitas vezes, faz leituras sobre suas identidades a partir de construções sociais, históricas e culturais do que é ser homem/mulher, homossexual/heterossexual, masculino/feminino.

Entretanto, essas construções estão ancoradas numa visão em que, muitas vezes, o feminino ocupa um lugar de inferioridade. Além disso, muitas delas reforçam arquétipos preconceituosos porque insistem numa maneira de educar os sexos e gêneros para que se conformem à heteronormatividade, ou seja, a “ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2012, p. 15). Com isso, entendemos que qualquer perspectiva *queer* é sufocada e violentada nas mais diversas formas, sejam elas a partir das estruturas discursivas que se manifestam na política, no campo social, âmbito escolar, espacial, familiar e também se de maneira simbólica.

Por fim, podemos concluir, também, que, independente da fluidez ou afirmação das identidades construídas e dos conflitos vivenciados na periferia por esses jovens LGBT's, eles são sujeitos que tomam o confronto - que é parte do cotidiano - como parte de um processo de afirmação de suas identidades sociais.

Um recorte desse processo, revelado tanto no filme quanto no diário de bordo, os qualifica como sujeitos de resistência a uma realidade marcada pela violência contra gêneros e sexualidades dissonantes. Essa violência é experimentada, também, em espaços onde a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero deveria existir, que seria, no caso, a escola. Além disso, na periferia, por ser um lugar marginalizado, muitos conflitos ocorrem de forma dura e direta com o outro, sem mediação. Isso faz com esses sujeitos LGBTs vivenciem um processo de saída do armário forçado e constante, onde são obrigados a assumirem, principalmente, suas identidades sexuais e de gênero, mesmo quando não há um reconhecimento por eles próprios daquela identidade que, muitas vezes, é fixada pelo outro.

## **Referências**



BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19<sup>a</sup> Edição. São Paulo: Loyola, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero : conceitos e termos**. 2012. Brasília: e-book. Disponível em: <[https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta\\_\\_es\\_popula\\_\\_o\\_trans](https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans)>. Acesso em: 07 out. 2017.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. São Paulo: Boitempo, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3<sup>o</sup> Edição. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2010.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 1<sup>a</sup> Edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade; Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3<sup>o</sup> Edição. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2010.

PRINS, BAUKJE and MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.155-167. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 28, p. 19-54, abr. 2016. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>>. Acesso em: 19 jul. 2017.



## Sexual and gender identities in Minas Gerais' peripheral context: discourses in an audiovisual experiment

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to discuss sexual and gender identities in the peripheral context of the historical city of Mariana, in the state of Minas Gerais, Brazil. The investigation starts from the daily observation of gays and lesbians in the district of Santo Antônio, also known as "Prainha". This daily life was recorded in field journals and also in audiovisual language, as a documentary, as part of the conclusion of the Journalism undergraduate course at the Federal University of Ouro Preto (UFOP). In this sense, this research is interested in thinking how social identities, specifically the sexual and gender identities, are regulated by the peripheral space and how the invisibility of the discussions of difference and diversity become decisive for their construction. We conclude that these identities are built from the gaze perspective of the social subjects that surround them, being heavily influenced by the hostility to divergent sexualities and genders in the scholar environment. The discussions are mainly from a Queer perspective, with references drawn from Judith Butler (2003), Richard Miskolci (202), Guacira Lopes Louro (2010).

**KEYWORDS:** Sexuality. Gender. LGBT. Periphery. Audiovisual.

***Aleone Rodrigues HIGIDIO***

*Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.*

***Karina Gomes BARBOSA***

*Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Temporalidades da Universidade Federal de Ouro Preto.*

*Recebido em: 30/10/2017*

*Aprovado em: 03/04/2018*